



**Autor:** Cláudio Machado

Na Igreja atual, em geral, as pessoas lésbicas, gays, bissexuais e/ou transgênero (LGBT) são mal-amadas e malditas, proibidas de viverem na prática a sexualidade LGBT e induzidas à marginalidade. Esse tratamento faz emergir nas pessoas LGBT, e não só, a ferida da rejeição. A Igreja necessita converter-se à inclusão plena das pessoas LGBT, passando a facultar-lhes todos os sacramentos de forma adequada e deixando de lhes oferecer apenas a castidade, que para muitos não é uma vocação. Eis algumas premissas para este pensamento de mudança: o pecado está no coração, e quem pode sondar o coração e julgá-lo é Deus; somos todos herdeiros do pecado original e apesar de já não refletirmos na perfeição o que Deus inicialmente planeou, não podemos deixar de viver a nossa condição atual; há quem pegue com o pé num pincel para pintar, apesar de o comum ser pegar com a mão, mas a vivência prática da sua condição atual, em si, não faz da pessoa um pecador; temos que ter cuidado para não estarmos a difamar, a levantar falsos testemunhos, a denegrir e a fomentar o ódio baseados na simples condição e vivência de cada um, factos que não têm correspondência, por si só, com o que vai no coração da pessoa; se a união das pessoas é livre e em Cristo, segundo o Sagrado Coração de Jesus, também é Amor, no verdadeiro sentido da palavra; não só a existência, o ser-se, mas também a vivência prática da condição LGBT não é sinónimo de pecado em si, pois depende do estado de coração em que é vivida; orientação sexual, sexo e identidade de género são independentes entre si, apresentam diversidade em toda a população, crente e não crente, e constituem características perante as quais as pessoas não têm poder direto de escolha; a confrontação factual da realidade e do conhecimento científico de ponta denuncia a necessidade de renovação e atualização da doutrina, que demonstra-se incoerente com o conhecimento atual. Por isso e por muitas outras razões, é preciso o empenho urgente dos teólogos e de toda a Igreja, inspirados pelo Espírito Santo, para uma reinterpretção das Escrituras e da Tradição e anunciar as Boas Novas, ou, mais propriamente, traduzi-las na linguagem de hoje e à luz do conhecimento atual.

Na Igreja atual, em geral, há problemas de comunicação e conexão entre o clero e os leigos, sendo necessário apostar-se na formação contínua dos Fiéis, no diálogo entre todos e se necessário na revisão dos rituais, de forma a celebrar-se com uma linguagem facilitadora da autenticidade.

Na Igreja atual, em geral, não se valoriza na devida medida as outras confissões cristãs e tradições de fé. Precisamos combater a ignorância, abrir os horizontes e aumentar a concórdia.

Temos que viver a comunhão onde ela existe e sempre que for possível – o Amor Divino que nos une; além do que, é possível conhecer Jesus sem conhecer o seu nome – conhecer Jesus é nascer de novo, viver segundo o seu Sagrado Coração, o seu Amor. Em sintonia, seria mais proveitoso, nas escolas, disponibilizar o estudo da teologia e das crenças no geral, de forma imparcial. Assim, poderíamos conhecer-nos melhor e mais facilmente dialogarmos uns com os outros. Facilitando, também, que realizássemos escolhas mais conscientes e servíssemos melhor para a Paz na Terra.